

A INTERNET COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Marlos Gonçalves Terêncio*
Dulce Helena Penna Soares#

RESUMO. Este estudo discute a identidade profissional do adolescente e o mundo da Internet, analisando suas implicações para o trabalho do psicólogo no campo da orientação profissional. A partir da bibliografia consultada, sugere-se uma nova compreensão do conceito de identidade pessoal, especialmente em seu âmbito ocupacional, visto agora como descentrado e multifacetado. Somando-se a isso, propõe-se um entendimento da Internet não apenas como tecnologia de comunicação e informação, mas como ferramenta para a expressão e transformação da identidade pessoal em seus múltiplos aspectos. Em consequência, considera-se que o orientador profissional não pode ficar alheio a essa nova ferramenta, pois o adolescente que busca orientação – entendido aqui como um sujeito em crise de identidade – pode beneficiar-se de serviços desenvolvidos via Internet, em especial, porque esta última pode lhe facilitar o desenvolvimento de uma identidade profissional flexível, necessária ao mercado de trabalho atual.

Palavras-chave: Orientação profissional; Internet; identidade profissional.

INTERNET AS A TOOL FOR PROFESSIONAL IDENTITY DEVELOPMENT

ABSTRACT. This study discusses the adolescent's professional identity and the world of Internet, analyzing their implications for psychologists working in the career guidance field. Through bibliographical research a new comprehension of the personal identity concept – as uncentered and multifaceted – is suggested, specially in occupational terms. Also, the article proposes an understanding of the Internet not only as a communication and information technology, but also as a tool for personal identity expression and transformation in its multiple aspects. Therefore, career counselors should not turn away from such tool, specifically because the adolescent who demands career guidance – seen here as a subject in identity crisis – can take advantage of new services developed specially for the Internet by career counselors, due to the fact that the 'global computer network' can facilitate the user's development of a flexible professional identity, which is necessary for successful insertion in the current labor market.

Key words: career guidance; Internet; Professional Identity.

Este estudo teórico discute a identidade profissional do adolescente e o mundo da Internet, analisando suas implicações para o trabalho do psicólogo no campo da orientação profissional. Assistimos diariamente ao avanço exponencial das tecnologias de comunicação e informação, entre as quais a 'rede global' assume posição de destaque. Segundo indicadores do Nua Internet Surveys (www.nua.ie/surveys/) datados de setembro de 2002, o Brasil é o 11º país do mundo em número de "internautas", com 13,98 milhões de usuários (7,77% da população total do país). O

Brasil é o terceiro do setor no continente e líder na América Latina. De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (www.cg.org.br), em janeiro de 2003 o país tinha aproximadamente 2,2 milhões de *hosts* (os computadores que oferecem informações à internet), ficando em nono no *ranking* mundial e em terceiro no *ranking* das Américas.

Esses dados demonstram que, mesmo em um país com sérias desigualdades sociais como o nosso, milhares de jovens crescem assistindo à grande explosão das tecnologias da informação, que por sua

* Psicólogo, Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC-UFSC/CNPq, período 2001-2003.

Coordenadora do LIOP (Laboratório de Informação e Orientação Profissional) e Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutora em Psicologia Clínica na França. Presidente da ABOP – Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, na gestão 97/99 e atual tesoureira, gestão 01/03.

vez culminaram no advento da Internet. Tapscott (1999) afirma que o resultado disso é que

para eles [as crianças e jovens], a tecnologia digital é tão simples quanto um videocassete ou uma torradeira elétrica. (...) E é através do uso da mídia digital que a Geração Net [a geração atual] desenvolverá e imporá sua cultura à sociedade (Tapscott, 1999, p. 1-2).

Nós, do Laboratório em Informação e Orientação Profissional do Departamento de Psicologia da UFSC, temos nos questionado a respeito das possibilidades de uso da Internet por jovens e adolescentes que passam todos os anos pela difícil tarefa de escolher sua futura profissão. A partir de pesquisa bibliográfica feita com o auxílio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) – UFSC/CNPq 2001-2002, coletamos dados importantes, que nos permitiram pensar a Internet não simplesmente como uma tecnologia de informação e comunicação, mas também como poderosa ferramenta no trabalho com a identidade pessoal, dentro da qual se inclui o âmbito profissional. Primeiramente seguem-se algumas importantes teorizações por nós analisadas, e na seqüência pretendemos costurar novas relações entre os conceitos de identidade pessoal e profissional, comunicação virtual e abordagens tradicionais em psicologia.

IDENTIDADE PESSOAL: UM CONCEITO EM PROCESSO DE PROFUNDAS TRANSFORMAÇÕES

O conceito de identidade é complexo, pois perpassa áreas de conhecimento como a psicologia, a psicologia social, a sociologia, a antropologia e a filosofia. Segundo Oliveira (1976), o estudo da identidade possui duas dimensões: uma pessoal (ou individual), que é pesquisada principalmente pela psicologia; e uma social (ou coletiva), que é campo de estudo da sociologia e da antropologia. Entretanto, é importante ter em mente que “não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade” (Ciampa, 1994, p.72), pois as possibilidades de diferentes configurações de identidade estão sempre relacionadas com as diferentes configurações da ordem social. “Uma alternativa impossível é o homem deixar de ser social e histórico; ele não seria homem absolutamente” (Ciampa, 1994, p.71).

Em psicologia, a concepção mais clássica de identidade pessoal é relacionada ao conceito de personalidade e refere-se, portanto, a uma “sensação

de continuidade pessoal ao longo do tempo” (Chaplin, 1981, p.277), ou ainda, a um sentido subjetivo de “existência contínua de um indivíduo determinado apesar das mudanças em suas funções e estrutura” (Warren, 1982, p.170). Entretanto, essa ênfase na identidade como uma estrutura fixa e imutável tem sido combatida por teóricos da psicologia social histórico-cultural, como Ciampa (1994), que afirma que a identidade também é metamorfose, ou seja, a identidade de todo e qualquer indivíduo está em constante transformação; não é produto pronto e acabado, mas uma produção constante e aberta para o futuro. Nas palavras do autor,

uma vez que a identidade pressuposta é reposta, ela é vista como dada – e não como se dando num contínuo processo de identificação. (...) De certa forma, reatualizamos através de rituais sociais uma identidade pressuposta que assim é reposta como algo já dado, retirando em conseqüência o seu caráter de historicidade (...). (...) [Logo] a mesmice de mim é pressuposta como dada permanentemente e não como reposição de uma identidade que uma vez foi posta (Ciampa, 1994, p.66-67).

Nessa perspectiva psicossociológica não é possível falar de identidade pessoal como uma entidade independente das relações sociais, pois ela depende do contínuo reconhecimento dos outros para se manter: “a identidade é aquilo que individualiza o sujeito, ao mesmo tempo que o socializa, é aquilo que o diferencia e que o torna um igual” (Violante, 1985, p.146).

Há ainda outros autores que sugerem a necessidade de uma reformulação ainda mais radical do conceito de identidade pessoal na atualidade. Segundo eles, uma verdadeira “crise de identidade” está afetando o sujeito nas sociedades modernas a partir do final do século XX. Como principal motivo cita-se que a época atual, também chamada de “modernidade tardia” ou “pós-modernidade”, tem sido palco de intensas transformações nas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, as quais não mais fornecem embasamentos sólidos para a manutenção da idéia do “eu moderno” como coerente e integrado. Como explica o sociólogo Stuart Hall:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de

deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (Hall, 2001, p. 9).

Esse ‘deslocamento’ ou ‘descentração’ diz respeito ao fato de que o sujeito, que antes era vivido como detentor de uma identidade unificada e estável, está atualmente se tornando fragmentado; “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (Hall, 2001, p. 12). Ou seja, percebe-se o sujeito como alguém que assume identidades diferentes a cada momento, identidades estas que não estão unificadas em torno de um “eu” coerente.

Em última análise essas idéias objetivam demonstrar que o conceito de identidade, ou seja, a “noção de eu” e “self”, não foi o mesmo ao longo da história da humanidade, de forma que a idéia do “eu moderno” foi construída gradualmente pelo pensamento ocidental. Destarte, o “eu” é na verdade uma construção social, e portanto carece de uma substancialidade em si mesma. De acordo com o cientista político Walter Anderson (2002), há ainda outras transformações atuais que sustentam essa “crise do eu moderno”, entre as quais: os avanços na ciência médica, que estão revisando as regras sobre identidade biológica à medida que as pessoas podem trocar de órgãos, de aparência e de sexo; os avanços na genética, que demonstram a possibilidade da clonagem de seres humanos; os avanços na psicofarmacologia, que trazem a possibilidade de alterar o psiquismo através de substâncias químicas; e finalmente, a temática que será enfatizada neste artigo: a revolução da informação e da comunicação, que “cria uma paisagem eletrônica vasta e misteriosa de novos relacionamentos, papéis, identidades, redes e comunidades” (Anderson, 2002, p. 11). Antes, porém, de avançar mais neste assunto, cabe tecer comentários sobre o que se pode entender por “identidade profissional”.

IDENTIDADE PROFISSIONAL E A VIDA DO ADOLESCENTE

Rodolfo Bohoslavsky, importante teórico da Orientação Profissional, compreende que a identidade profissional ou ocupacional é “um aspecto da identidade do sujeito, parte de um sistema mais amplo que a compreende, e é determinada e determinante na relação com toda a personalidade” (Bohoslavsky, 1987, p.55). A identidade profissional é, portanto, parte da identidade pessoal total, e pode ser compreendida como “a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis

ocupacionais” (Bohoslavsky, 1987, p. 55). Da mesma forma que a identidade pessoal, a formação da identidade profissional deve ser entendida numa contínua interação entre fatores internos e externos ao indivíduo.

Apesar de ser apenas um aspecto da identidade total, pode-se facilmente notar que a importância da identidade profissional é enorme na sociedade capitalista moderna, chegando mesmo a ser (con)fundida com a identidade pessoal como um todo. Perguntas do tipo “O que você vai ser quando crescer?” são feitas continuamente às crianças e mostram bem como essa fusão vai se processando desde cedo na vida individual, pois pressupõem uma resposta *apenas* em termos ocupacionais.

Dessa forma, entende-se que a identidade profissional se relaciona estreitamente com a escolha profissional, tal como afirma Wagner Fiori: “A escolha de uma profissão é fundamental na normalização das relações com o mundo. Num nível mais concreto, é claro, entende-se que, em parte, sou aquilo que faço” (Fiori citado por Rappaport, 1982, p. 31). Como essa identidade se entrelaça com a escolha de papéis ocupacionais e a definição concreta de uma profissão, a maioria dos autores concorda que ela é, em geral, formada na adolescência, época de grandes transformações biopsicossociais para um sujeito que comumente está em processo de inserção no mercado de trabalho.

Para o teórico do desenvolvimento Erikson (1987), a formação da identidade se configura, desde a infância até a idade adulta, em três áreas básicas de definição, a saber, a identidade sexual, ideológica (político-religiosa) e profissional. Segundo o autor, esta formação atinge um momento crítico na adolescência, pois nesta fase do desenvolvimento o indivíduo deve fazer a transição de uma identidade infantil, dependente, para uma adulta, independente. Em consequência, Erikson (1987) define a existência de uma “crise normativa da identidade na adolescência”, devido à confusão de papéis experimentada pelo jovem, associada à pressão que a sociedade impõe pela sua definição. Em suas palavras, “a adolescência não é uma doença mas uma crise normativa, isto é, uma fase normal de crescente conflito (...) que poderá liquidar-se por si só e até, de fato, contribuir para o processo de formação da identidade” (Erikson, 1987, p. 163).

Também Aberastury e Knobel (1992), psicanalistas contemporâneos, definem a existência de uma “síndrome da adolescência normal”, ou seja, um estágio pseudopatológico pelo qual passa todo adolescente “normal”, do qual um dos principais sintomas é a busca de si mesmo e da identidade (1992, p. 29). Já segundo Bohoslavsky (1987), a identidade profissional se forma basicamente a partir da identificação do adolescente com o grupo familiar, o grupo de pares e sua própria

sexualidade. A família é referência fundamental, seus valores e os papéis ocupacionais que desempenham são bases significativas de orientação para o adolescente, tanto como grupo positivo ou negativo de referência. Os grupos de pares, por sua vez, influenciam de forma mais imperativa que a família, e sempre como referência positiva. Por fim, as identificações sexuais influenciam a identidade profissional, na medida em que os padrões culturais sobre o papel social de homens e mulheres influenciam os gostos, interesses, atitudes e inclinações dos adolescentes.

Por outro lado, é importante também atentar para as especificidades de parte da população adolescente na realidade socioeconômica brasileira. Lisboa (1997) afirma que em nosso contexto não se pode considerar que a totalidade do grupo adolescente tenha como preocupação a escolha profissional, porquanto a “grande maioria de nossa população jovem não só é compelida a lançar-se no mundo do trabalho muito antes de concluir os estudos de segundo grau, como interrompe seus estudos para trabalhar por necessidade de sobrevivência sua e de sua família” (Lisboa, 1997, p. 118). Entretanto, de maneira geral ainda se pode considerar que a formação da identidade profissional está na intersecção com a identidade adolescente, quaisquer que sejam as circunstâncias sociais em que o jovem estiver posicionado.

TRANSFORMAÇÕES DA IDENTIDADE NO ESPAÇO CIBERNÉTICO

A esta questão da formação e desenvolvimento da identidade na contemporaneidade acrescenta-se um novo elemento: o mundo da Internet. A partir do final da década de 90 pesquisadores têm focado sua atenção no comportamento dos “navegadores” ou “internautas” (usuários de serviços da Internet), e em suas conseqüências para o conceito de identidade. Suas pesquisas têm se concentrado no uso que os internautas fazem dos canais de comunicação *online* mais conhecidos mundialmente, como os *chats*, os *IRC's* e os *MUDs*.

O *chat* ou “bate-papo” é a comunicação em “tempo –real” entre dois ou mais usuários via computador. Usualmente essa comunicação é a troca de mensagens digitadas (textuais) e requisita um *site* como repositório para as mensagens (o chamado “web-chat”). Outro tipo de *chat* é chamado *IRC* – abreviação para *Internet Relay Chat*, um sistema de comunicação textual que envolve um conjunto de regras e convenções, além de programas (*software*) cliente-servidor específicos (Whatism.com, 2002, *online*). Seja qual for o tipo de *chat*, cada usuário é identificado por um apelido (*nickname*), que é sua

identidade virtual. A comunicação propriamente dita se dá em salas virtuais (ou canais), que são agrupadas por área de interesse ou faixa etária dos usuários a que se destina. De acordo com Campos (2000):

O *nickname* é a identidade do internauta no chat. No mundo real temos caras, corpos, cheiros, jeitos de falar e se portar, vozes. No mIRC [um cliente de IRC], tudo isso se reduz ao *nick*. É ele que vai dar os primeiros dados sobre uma pessoa, sobre como ela se apresenta naquela sala (Campos, 2000, *online*).

Finalmente, existem também os *MUD's* ou *Multi-User Dungeons*. Estes são experiências sociais inventivas na Internet, gerenciadas por um programa de computador, e usualmente envolvem um tema ou contexto organizado, como um castelo antigo na Idade Média ou um período da história internacional. Nele os usuários podem criar uma identidade fictícia e interagir entre si. São como jogos de RPG (*role-playing game*) feitos para a Internet. Originalmente, os *MUDs* tendiam a ser jogos de aventura praticados dentro de enormes castelos com salas secretas, armadilhas, monstros e itens mágicos (Webopedia, 2002, *online*). São, entretanto, muito mais populares na Europa e Estados Unidos do que no Brasil.

Como mencionado anteriormente, as análises feitas sobre o uso dos “*nicknames*” na comunicação *online* têm demonstrado dados surpreendentes a respeito da vivência da identidade: ao usarem esses serviços, usuários adquirem a possibilidade de entrar em contatos sociais, identificando-se somente através de um nome (ou *nickname*) ou ainda com vários nomes, e usando-os de maneira alternada ou simultânea, como desejarem. Isso pode ser visto como uma quebra do conceito tradicional de identidade. Entretanto, essa fluidez da noção de ‘eu’ é justamente o que atrai muitos para estes serviços. Como aponta Nicollaci da Costa:

As amizades não são mais necessariamente locais. As pessoas não são mais abordadas por serem bonitas, se vestirem bem ou exibirem sinais de riqueza. As aparências e o dinheiro tornaram-se pouco importantes, pelo menos para um contato inicial. Os primeiros estágios da comunicação tornaram-se anônimos e “afísicos”. As pessoas se aproximam umas das outras por conta do que seus *nicknames* ou por conta de que conseguem expressar de si mesmas por escrito (mesmo quando criam um personagem imaginário) (Nicollaci da Costa citado por Campos, 2000, *online*).

A socióloga Sherry Turkle vê essas ferramentas como impulsionadoras de um “xeque” no conceito de identidade como tradicionalmente a definimos. Para ela, as “janelas” que separam e organizam os aplicativos na tela de um computador tornaram-se poderosas metáforas para se pensar no *self* como um sistema múltiplo e distribuído, de forma que a vida presencial (*offline*) pode acabar tornando-se apenas mais uma “janela”:

O ‘eu’ não é mais simplesmente experimentar diferentes papéis em diferentes situações em diferentes lugares. A prática de vida das ‘janelas’ [no mundo virtual] é a de um ‘eu’ descentrado que existe em muitos mundos e que experimenta muitos papéis ao mesmo tempo (Turkle, 1996, online).

Turkle destaca ainda que a experiência da Internet sugere um retorno das idéias do chamado “pós-estruturalismo” (de autores como Jacques Lacan, Gilles Deleuze e Felix Guattari), que unem o conceito de identidade ao de multiplicidade, afirmando mais notadamente que não há algo como o “ego” e que cada sujeito é uma multiplicidade de partes, fragmentos e conexões desejantes (Turkle, 1997).

Anderson (2002) segue o mesmo rumo de discussão quando afirma: “Parece que o espaço cibernético é todo um novo campo para a construção e transformação do eu, uma dimensão da vida na qual as pessoas podem ser quase infinitamente multifrênicas e proteiformes, uma matriz para novos relacionamentos” (Anderson, 2002, p. 128). Por ‘multifrenia’ o autor entende o “povoamento do eu, a aquisição de múltiplos e díspares potenciais para ser” (Gergen citado por Anderson, 2002, p. 129). “Proteiforme”, por sua vez, é um termo que define pessoas que assumem com facilidade diferentes formas e aspectos, pessoas que, segundo o autor, estão sintonizadas com as transformações de suas identidades em decorrência da chamada “pós-modernidade”.

Em publicação da APA (*American Psychological Association*), Murray (2000) afirma que o estudo dos efeitos da Internet sobre a identidade pessoal são ainda escassos, já que a maioria das pesquisas até o momento se concentraram nas qualidades atrativas da rede, no seu uso patológico (*net-addiction*) e nas suas influências sobre os relacionamentos. “Mas os poucos estudos comportamentais sendo iniciados nesta área sugerem que a Internet pode servir como um espelho, até mesmo uma ferramenta, que ajuda as pessoas na sua busca pelo ‘eu’ (*self*)” (Murray, 2000, online). Segundo Turkle (1997) e Suler (2001), isso acontece porque a Internet permite às pessoas explorar facetas de suas personalidades que têm expressão limitada na

vida presencial (*offline*), especialmente devido às restrições do contato social. As limitações colocadas pela sociedade ao comportamento individual parecem suspensas na vida *online*, o que estimula a auto-expressão livre, que, por sua vez pode favorecer o desenvolvimento de uma nova identidade pessoal (ou novas identidades, se assumirmos que não temos um único “eu”, mas “eus-múltiplos”).

Giuseppe Riva, do Instituto de Tecnologia Aplicada a Neuropsicologia (Itália), afirma que o sucesso da Internet “está criando um novo espaço psicossocial, que é um chão fértil para relacionamentos sociais, papéis e um novo senso de *self*” (Riva, 2001, p. 1). Também John Suler (2001), psicólogo, pesquisador da Internet e criador do livro virtual intitulado “*The Psychology of Cyberspace*”, declara que “A Web é um lugar seguro para se tentar diferentes papéis, vozes e identidades”, e completa: “É um tipo de experimentação para o eu (*self*) que você quer trazer para a vida real” (Murray, 2000, online). Segundo Suler, essa experimentação com a identidade é estimulada pela sensação de anonimato da Internet, que reduz a inibição tanto para comportamentos positivos – como o autoconhecimento e a formação de vínculos saudáveis com outras pessoas, quanto negativos – como comportamentos agressivos, o vício na Internet (*netaddiction*) e perversões sexuais, como a pedofilia, entre outros.

Ainda de acordo com Murray (2000), o grande perigo da experimentação de identidades via Internet reside em falhar na integração dos ‘eus’ *online* e *offline*. Por exemplo, pode ser fácil para um usuário da Internet descobrir ou melhor expressar algum aspecto de sua personalidade durante conversas em *chats*, mas mais difícil é poder integrar essas características na sua vida pessoal fora na Internet. Essa fragmentação pode, em última análise, ser uma das causas do uso patológico da Internet (vício ou *netaddiction*). Pode também levar a um novo tipo de problema psicológico, que alguns pesquisadores vêm identificando como um “transtorno de múltiplas identidades *online*” (Ookita & Tokuda, 2001, p. 155). De acordo com Ookita e Tokuda (2001), assim como os anos 1980 foram caracterizados por problemas como a “fobia tecnológica” e o “tecno-stress” e os anos 1990, pelo vício na Internet e problemas de relacionamento amoroso *online-offline*, o distúrbio do século 21 diz respeito à confusão de identidades, surgida da dificuldade do sujeito em integrar sua vida real com a vida na rede.

Entretanto, Turkle, Suler e Anderson afirmam que essa integração é possível, de forma que o uso da ‘Net’ acaba enriquecendo as outras áreas da vida presencial, criando identidades mais completas e saudáveis. Para fins de exemplificação cita-se aqui apenas um caso estudado, adaptado de Murray (2000):

Uma mãe tímida e desempregada, de cerca de 40 anos, vai ‘online’ e experimenta uma personalidade ousada e confiante. Usando o nickname “oomph”, ela modera uma sala de chat – expulsando criadores de problemas não-convidados (...) e direcionando a conversação entre os visitantes regulares. Encorajada pelo feedback positivo dos visitantes regulares, ela despacha sua personalidade “oomph” para uma entrevista de emprego no mundo real. A jogada dá certo e ela começa a trabalhar como contadora (Murray, 2000, online).

Baseados numa crescente coleção de estudos de caso, estes e outros pesquisadores acreditam que as atividades dos usuários de *chats*, *ircs* e *muds* não devem ser encaradas simplesmente como brincadeiras em momentos de lazer, pois, como afirma Anderson (2002, p. 129), “as pessoas ficam envolvidas, e vivem uma parte importante da vida nesses contextos.” São, na verdade, fenômenos psicológicos que envolvem a manifestação de diferentes facetas da personalidade dos sujeitos para cada papel criado no mundo virtual, com o potencial de serem oportunidades significativas de aprendizado – instrumentos para o crescimento psicológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é mais possível ignorar as rápidas transformações sociais que vêm ocorrendo na atualidade. Tais transformações vêm certamente influenciando as subjetividades, e vice-versa, numa constante relação dialética aberta para o futuro. Sobre isso cabe citar Howard Rheingold, autor entusiasta da chamada “revolução digital”:

Eu não apenas habito nas minhas comunidades virtuais, mas, na medida em que eu carrego comigo as conversações na minha cabeça e começo a misturá-las com a vida real, essas comunidades virtuais habitam na minha vida (Rheingold conforme citado por Anderson, 2002, p. 130).

Parafrazeando Anderson, “a globalização da economia e da política dispersa as pessoas por todo o planeta, arrancando raízes, desfazendo fronteiras, abandonando as velhas certezas de lugar, nacionalidade, papel social e classe” (2002, p. 11-12). Onde entra o papel do Orientador Profissional nisso tudo? Como profissionais críticos, sabemos que essas transformações também têm sua face excludente, no sentido de que têm ajudado a aumentar o abismo social e econômico entre ricos e pobres de nosso país

e de todo o mundo. Mas, inevitavelmente, elas repercutem sobre os jovens de todas as classes sociais, na medida em que precisam se inserir no *mercado de trabalho* – é este último um dos grandes impulsionadores das mudanças da atualidade.

As profissões também vêm mudando vertiginosamente: com o passar de poucos anos algumas se tornaram obsoletas ou desnecessárias, enquanto várias outras surgem a cada momento para corresponder às inovações científicas e tecnológicas. Quanto à chamada “empregabilidade”, sabe-se que o perfil do profissional desejado hoje é muito diferente do de poucas décadas atrás. Não se valoriza mais o profissional com “fidelidade” a uma única empresa ou única experiência profissional. Procuram-se, ao contrário, profissionais com autonomia e adaptabilidade, que acumulem em seu currículo uma ampla variedade de experiências. Além disso, a rotatividade nas empresas só faz aumentar, gerando o fim da estabilidade e o conseqüente desemprego, de forma que se torna útil para os próprios trabalhadores serem flexíveis e versáteis para ingressarem em diferentes trabalhos durante o curso de suas vidas.

Assim, temos aí a própria constatação de que também as identidades profissionais se tornaram cambiantes. Seja isso positivo ou não para as pessoas, o fato é que os jovens que hoje buscam ingressar no mercado de trabalho precisam desenvolver essa característica, qual seja: uma identidade profissional bem-definida, mas, ao mesmo tempo, fluida, capaz de se transformar com o rápido passar do tempo, ou ainda tornar-se múltipla, ou seja, duas, três ou mais identidades profissionais convivendo diariamente em diferentes contextos de trabalho, de preferência com o mínimo de conflitos entre si.

Nesse contexto, a Internet surge aos nossos olhos como um mundo dinâmico, que pode proporcionar ao jovem uma simulação das dificuldades, desafios e, (por que não?) prazeres que encontrará na sua realidade futura. Como explica Anderson:

Os MUDs e os papéis eletrônicos têm a mesma função que um simulador de voo, dando aos milhares e milhares de jovens, que neste momento estão improvisando e criando a si mesmos no espaço cibernético, um valioso treinamento para as existências que serão vividas em contextos múltiplos e sempre cambiantes (Anderson, 2002, p. 131).

Dentro dessa perspectiva, os pesquisadores do Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC vêm desenvolvendo um serviço de orientação profissional via Internet orientado ao trabalho com a identidade profissional de jovens, usando como arcabouço conceitual a temática aqui

apresentada, associada ao referencial teórico e técnico do psicodrama de J. Moreno.

Basicamente, os adolescentes com dificuldades para escolher suas futuras profissões serão convidados a participar de conversas grupais via *chat*, nas quais será proposta a experimentação em fantasia de papéis profissionais, numa espécie de *role-play psicodramático* adaptado ao mundo virtual. Partindo da metáfora do “simulador de voo” citada anteriormente, pretende-se que os participantes, através de uma técnica lúdica coordenada por orientadores do LIOP, possam questionar-se sobre suas opções profissionais com as respectivas expectativas, motivações e interesses, corrigindo idealizações e assim movendo-se para o estabelecimento de identidades profissionais mais “amadurecidas”. A devida implementação e avaliação deste serviço de orientação profissional via Internet faz parte de pesquisa em desenvolvimento com o auxílio do CNPq. Resultados serão publicados em artigos subsequentes.

Desde 1997 os profissionais do LIOP têm desenvolvido pesquisas na intersecção da Internet com a informação e orientação profissional, pois há uma crescente demanda de serviços *online*, principalmente por parte da população adolescente, nosso maior público alvo. Apesar das considerações predominantemente otimistas aqui apresentadas em relação ao uso da Internet, mantemos uma posição crítica de que esta ferramenta não substitui a qualidade do contato presencial entre orientadores profissionais e seus orientandos. A reflexão aqui apresentada complementa os estudos até o momento desenvolvidos e propõe a construção de conhecimento teórico nesse novo campo de atuação do psicólogo.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1992) *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. (10^a ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anderson, W. T. (2002) *O futuro do eu: um estudo da sociedade da pós-identidade*. São Paulo: Cultrix.
- Bohoslavsky, R. (1987) *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. (7^aed.) São Paulo: Mantins Fontes.
- Campos, I. F. de. (2000) *Os nicks nas salas de chat (bate-papo)*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~clinpsic/salachat.html>> (Acessado em 05/08/2002)
- Chaplin, J. P. (1981) *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Ciampa, A. da C. (1994) Identidade. Em S. T. Lane & W. Godo (Orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.
- Erikson, E. H. (1987) *Identidade, juventude e crise*. (2^a ed.) Rio de Janeiro: Guanabara.
- Hall, S. (2001) *A identidade cultural na pós-modernidade*. (5^aed.) Rio de Janeiro: DP&A.
- Lisboa, M. (1997) Ser quando crescer . . . A formação da identidade ocupacional. Em R. S. Levenfus (Org.) *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Murray, B. (2000) A mirror on the self. *Monitor on Psychology*. 31, (4). Disponível em: <<http://www.apa.org/monitor/apr00/mirror.html>> (Acessado em 10/11/02)
- Oliveira, R. C. de (1976) *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Ookita, S. Y. & Tokuda, H. (2001) A virtual therapeutic environment with user projective agents. *Cyberpsychology & Behavior*. 4, (1), 155-167.
- Rappaport, C. R. (1982) *Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência* (Vol. 4). São Paulo: EPV.
- Riva, G. (2001) The mind in the web: psychology in the internet age. *Cyberpsychology & Behavior*. 4, (1), 1-6.
- Suler, J. (2001) *The Psychology of Cyberspace*. Disponível em: <<http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/psycyber.html>> (Acessado em 09/11/02)
- Tapscott, D. (1999) *Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net*. São Paulo: Makron Books.
- Turkle, S. (1996) *Who am we?* Disponível em: <<http://www.wired.com/wired/archive/4.01/turkle.html>> (Acessado em 08/10/02)
- Turkle, S. (1997) *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Violante, M. L. V. (1985) Identidade e marginalidade. Em A. Z. Bassit, A. C. Ciampa, M. R. Costa (Orgs.) *Identidade: teoria e pesquisa*. (Cadernos PUC/20) São Paulo: EDUC.
- Warren, H. C. (1982) *Dicionário de Psicologia*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica.
- Webopedia. (2002) *Online dictionary for computer and Internet terms*. Disponível em: <<http://webopedia.internet.com/>> (Acessado em 04/09/2002)
- Whatis.com. (2002) *Most of what you want to know about the Internet*. Disponível em: <<http://whatis.techtarget.com/>> (Acessado em 04/09/2002)

Recebido em 19/12/2002
Aceito em 10/06/2003

Endereço para correspondência: Dulce Helena Penna Soares, LIOP – Laboratório de Informação e Orientação Profissional. Departamento de Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Caixa Postal 5194, CEP 88040-970, Florianópolis-SC. E-mail: dulce@cfh.ufsc.br